PRIVATE

A MAIS COMPLETA REVISTA MASCULINA DO PAÍS.

REVISTA MENSAL • ANO IV
Nº 34 • Cz$ 70,00

NARRAÇÕES ERÓTICAS: OS RELATOS SEXUAIS DE NOSSOS (AS) LEITORES (AS) ESTÃO CADA VEZ MAIS QUENTES. CONFIRAM!

EDIÇÃO OUSADA, MAGNÍFICA, EXCITANTE!

CORREIO PRIVATE: UM TURBILHÃO DE PROPOSTAS SEXUAIS DE NOSSOS LEITORES E LEITORAS. SÓ NÃO TRANSA QUEM JÁ MORREU!

PROIBIDA PARA MENORES DE 18 ANOS

CLOSE: NOSSAS LEITORAS MOSTRAM "TUDO" À CORES

FRIDA PARA TODOS

Amplamente conhecida de vocês, a nossa **FRIDA** *está fazendo várias poses novas para vocês nesta edição. Vejam como ela está erótica e excitante.*

PRIVATE

REVISTA MENSAL • ANO IV — Nº 34 • NOVEMBRO/87

Editor e Diretor Responsável
PEDRO GALVÃO MOREIRA

Diretor de Arte:
J. GILBERTO FIRMINO

Redação:
M. MORAES

Fotos:
REAL PRESS INTERNATIONAL

Fotocomposição:
STUDIO ARTGRAPH

Fotolitos:
POLIARTE

Distribuição (Exclusiva para todo o País)
FERNANDO CHINAGLIA DISTRIBUIDORA S/A
Rua Teodoro da Silva, 907, Tel.: (021) 268-9112 - Rio de Janeiro - RJ.

PRIVATE *É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DE GALVÃO EDITORA E DISTRIBUIDORA LTDA. REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO, PUBLICIDADE E CORRESPONDÊNCIA: RUA GUILHERME MAW, 86 (LUZ), CEP 01105 - SÃO PAULO - SP - TEL.: (011) 228-4618. REGISTRO Nº 4014, DE 21/01/85, NO 5º CARTÓRIO DE REGISTRO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS DE ACORDO COM A LEI DE IMPRENSA. PRIVATE NÃO SE RESPONSABILIZA POR TEXTOS ASSINADOS, BEM COMO NÃO DEVOLVE FOTOS DE LEITORES ENVIADAS À REDAÇÃO.*

MUITO MAIS PROPOSTAS...

Isso é o mínimo que nós poderíamos fazer por vocês, amigos leitores: aumentareos o número de páginas, nesta edição, do "Correio Secreto" e de "Leitores em Close". É um brinde à todos que nos têm acompanhado participando e prestigiando através de cartas e fotos que nos enviam. Esta é também a nossa resposta à invejosos e pessoas que não tem o que fazer que insinuaram que os anúncios são falsos e fabricados por nós mesmos aqui na redação. O nosso volume de cartas é tão grande que às vezes somos forçados a atrasar a publicação de muitos anúncios pela falta de espaço (mas já estamos solucionando este problema).

Curtam à valer esta edição e preparem para a do próximo mês que estará ainda melhor!!! Confiram...

DIÁRIO SEXUAL PRIVATE

Da página 10 à 20 vocês têm as mais excitantes narrativas sexuais. Todas escritas por vocês.

CORREIO PRIVATE

Nas páginas 40 · 52 um turbilhão de propostas sexuais de nossos leitores e leitoras. Só não transa quem já morreu.

CLOSE:

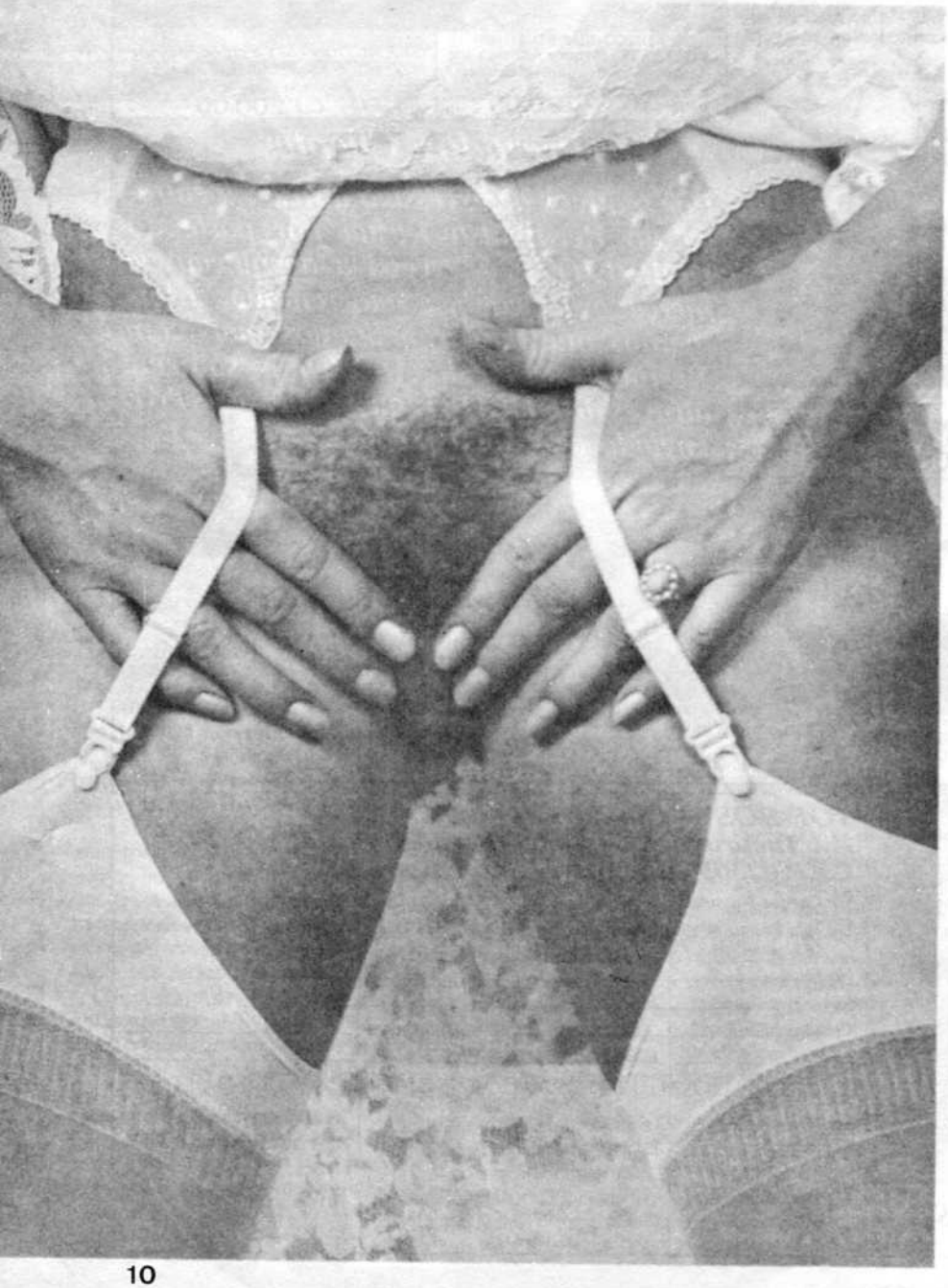
Seis páginas (da **34**·**39**) com as fotos de nossas leitoras e leitores nus e com propostas para transa. Confiram

GAROTAS

Três sequências, a cores, com modelos mais belas e excitantes do País. Todas nuas!

Abrimos este espaço para que você, leitor e leitora, dê margem à sua imaginação e relate um acontecimento sexual que marcou sua vida ou passe para o papel alguma fantasia sexual que você gostaria de realizar. Mande para nós, por mais absurda que ela possa parecer. Nós acreditamos em você e vamos ler e publicar a sua experiência sexual. Não deixem de mandar junto com o relato, uma autorização para a publicação, pois sem ela, ficará impossível publicarmos a sua experiência. Quem quiser pode mandar também a foto da heroína ou do garanhão do caso relatado; que publicaremos. Mande o seu material para:

PRIVATE
Rua Guilherme Maw, 86.
São Paulo/SP - CEP: 01105.



O FENÔMENO

Ocorre comigo um caso estranho e sem explicação, acho até que é um fenômeno raríssimo, e desconheço se existe algum outro similar. As vezes, ao esbarrar na rua com uma mulher que me desperta atenção, sinto uma estranha sensação invadir meu corpo, um calor intenso a queimar-me a pele, e aí ocorre o fenômeno: se eu me aproximar dessa mulher, a conquista torna-se incrivelmente fácil e, normalmente, o relacionamento é extremamente gratificante. Infelizmente isso não ocorre com freqüencia, porque, senão, eu já teria morrido, pelo simples fato de que sou do tipo que costuma conferir.

É claro que já me aproximei de mulheres sem que o fenômeno se pronunciasse e tive êxito. O fato é, acreditem ou não, o fenômeno é verdadeiro. A última vez que ele ocorreu foi logo após o Carnaval-86. Eu tinha ido à cidade, e na volta, na estação do Metrô em Botafogo, enquanto me dirigia para as escadas de saída, avistei a mulher que me iria proporcionar mais uma oportunidade de confirmar sua existência. Vamos chamá-la de Joana.

Por incrível que pareça, apesar de ser o tipo de mulher que me atrai quase que de imediato, era, por outro lado, do tipo que eu não abordaria normalmente em público, a não ser em circunstâncias extremamente excepcionais. Tinha aproximadamente 1,85m de altura, e seu corpo era absolutamente proporcional. Cabelos presos por um rabo-de-cavalo, trajava uma malha super-apertada, colada ao corpo, deixava minha mente trabalhando a todo pano

para adivinhar suas formas. A bunda era alucinante, larga e bem desenhada; os tornozelos grossos e os pés, simplesmente lindos. Outro motivo que desaconselhava uma abordagem era o cara que a acompanhava que, apesar de franzino, por si só já merece o respeito natural que costumo dedicar à pessoa humana.

Sempre respeito duas coisas: mulher casada, acompanhada ou não, e mulher com criança. Sou incapaz de qualquer teretetê nesse sentido.

Ultrapassei-os normalmente e, quando cheguei no topo da escadaria, dei uma paradinha para observá-la de frente. Que visual! Aquela mulher devia possuir, pelo volume, uma buceta de mais de palmo. No exato momento em que ela passou por mim, senti a sensação, fiquei sem saber o que fazer, uma vez que era a primeira vez que isso ocorria com uma mulher acompanhada. Acredito que, até ali, também ela ainda não me tinha notado, e resolví obedecer a minha intuição, que dizia para eu segui-la e até mesmo, quem sabe, forçar uma situação para abordá-la. O seu acompanhante despediu-se na primeira esquina e tornou-se, assim, um problema a menos, deixando a doce Joana totalmente entregue à mercê do lobo bom. Fiz uma abordagem normal, dessas que qualquer um é capaz de fazer, desde que tenha, como eu, o poder da falar muito, sem conseguir ser chato nem inconveniente e sem também dizer muita besteira. Fui conduzindo os assuntos de maneira que Joana me permitiu uma rápida incursão em sua intelectualidade, inteligente e culta; não foi necessário muito esforço para deduzir que, se tivesse na cabeça alguma fumacinha de pensamento de sexo imediato, podia ir tratando de esquecer. Joana era o tipo da mulher que necessitava de uma conquista muito bem-feita. Questionei o fenômeno mentalmente: "Aí, hem, querendo se foder né! Se eu entro de sola nesse avião, ia com certeza bater de frente com fenômeno e tudo". Adiei o game: dei-lhe meu cartão e esperei pacientemente.

Ela me telefonou uns dois ou três dias depois. Na primeira vez que saímos, assim como das próximas duas ou três vezes, aproveitei que ela gostava de conversas profundas e enveredei pelo sexo, criando o clima que faltava para propiciar um lance. Depois de quase esfolr meu pau num roça-roça, dançando numa boate, partimos para um motel. Subimos as escadas aos beijos e amassos. Joana era o tipo de mulher que eu gosto, sem falsos pudores e sem babaquices. Entre quatro paredes, era impossível associar a postura social de Joana em público. A mulher classuda deu lugar a uma verdadeira heroína de filme de sacanagem, e como é bom e gostoso uma mulher que sabe tomar a iniciativa e convida o parceiro para ardentemente realizar seus sonhos e devaneios secretos, dando-lhe a chance de se sentir satisfeito ao tentar realizá-los. Joana me pedia, então, que realizasse um sonho antigo que alimentava desde adolescente e não conseguira transformar em realidade por não encontrar abertura suficiente nos parceiros anteriores, nem mesmo no seu marido. Então ela me segredou que queria ser violentada. Isso mesmo! Ela sempre sonhara com um homem másculo que invadia seu quarto e a obrigava a satisfazer suas vontades. Explicou-me seu plano: eu deveria permanecer por cinco minutos trancado no banheiro, a fim de que ela providenciasse os preparativos, e quando saísse... Imaginem vocês o que não passou pela minha cabeça, durante o tempo em que permaneci no banheiro, sentado no trono, cara de babaca, tentando me esfriar do choque que a proposta me causou. Considero-me um devasso completo, porém, por outro lado sou normal e nunca passou pela minha idéia violentar ninguém, nem mesmo numa situação imaginária como aquela.

Quando superei o susto, saí do banheiro e deparei-me com a seguinte cena: Joana deitada na cama, de bunda pra cima, vestida com uma blusa tipo colegial, e um saiotezinho supercurto, em azul-marinho, que mal cobria seu tesouro maior que tanto me fascinava. A luz negra refletida na calcinha branca me fez tremer nos alicerces. Joana fingia que dormia e assustou-se com o barulho que fiz, depois de fitá-la por algum tempo.

— Quem está aí?

— Sou eu!

— Eu quem?

— Não interessa, e vá tratando de ficar quietinha, senão a porrada vai cantar.

Confesso não ser meu forte ser forçado a bancar o ator, porém, já que era necessário, queria que minha atuação fosse considerada excelente. A histeria e a tentativa de resistência de Joana foram interrompidas por uma sonora e bem aplicada bofetada, que nem sei como fui capaz de aplicar e que, por sinal, foi absorvida por Joana com espanto, mas, também, como visíveis sinais de regozijo refletidos em seus olhos brilhantes. Ao contrário do que eu previa, a satisfação em seus olhos me incentivavam a prosseguir; incrível, mas eu estava adaptando-me muito rapidamente àquela situação. Um puxão violento e a blusa rasgou-se de cima a baixo, deixando à mostra seus seios que, para

minha surpresa, eram pequenos e já continham excitação em seus bicos. Abocanhei-os mordiscando de leve, enquanto subjugava seus braços resistentes numa tentativa de desnudar-lhe por completo. Joana valorizava a comédia de tal modo, que eu às vezes me questionava se não estava levando a coisa demasiadamente a sério. Quando minha língua recebeu finalmente o sinal verde para explorar seu corpo, pude comprovar pelas contorções e trejeitos o quanto ela estava gostando da experiência. Sua calcinha já havia sido arrancada e rasgada, sua vagina apareceu explêndida, muito maior e mais bonita de que eu imaginava, carnuda, volumosa e escassa de pelos. A vontade que eu tive foi de mergulhar de cara naquela maravilha e só sair dali morto. Meus planos, porém, eram outros; aquele manjar tinha de ser deixado para outra ocasião. Joana queria ser violentada, não? Então calculei que ela tinha de ser atacada por onde não esperava. Quando forcei para colocá-la de costas, ela resistiu, lutando bravamente. Foi uma luta, mas consegui subjugá-la, desta feita já convencido de que ela não queira realmente ser enr abada. Não escondo que foi preciso ser duro:

— No cu não, Freeway, por favor!

— Por que não? Você acha que violentada tem escolha?

Ainda sob resistência, escorei meu peso em sua coxa, enquanto mantinha seus braços enlaçados em minha cintura. É claro que ninguém vai conseguir comer o cu de ninguém à força, sem sua colaboração, e Joana aos poucos foi permitindo que eu me aproximasse, afrouxando a bundinha e tentando olhar para a piroca tesa que lhe espetava, procurando o caminho para invadir aquele cuzinho fantástico. Finalmente agasalhou a cabeça; mais um tranco, mais um pedaço, até que comecei a sentir as contrações que me causavam a sensação de que a sua vingança seria cortando-me a piroca ao meio. Eu utilizava agora todos os meus recursos para tentar extrair prazer daquela maravilha de anel, minhas mãos tocavam o bucetão, cujas contrações também já anunciavam um adiantado estágio de prégozo. Minha língua passeava pelo pescoço de Joana, levando-a ao delírio, até que senti uma explosão interna que encheu o seu cu com farta quantidade de porra, que chegava a transbordar em suas pernas. Joana, a seguir, foi por mim beijada na boca, nos seios, no umbigo e, finalmente, cheguei ao meu objetivo maior: o bucetão. Joana era extremamente sensível ali, e comecei alternando os movimentos de língua; ora lentos e preguiçosos, ora vivos e céleres. Meu polegar atochado na fenda, e o anelar e o médio, revezando-se no cuzinho molhado. Ela gozava, uma, duas, eu sei lá quantas vezes mais. Houve uma hora em que eu pensei que ia colocar a mão toda dentro daquele bucetão; quatro dedos eu tinha certeza de que já conseguia. Após aquela brincadeira toda, era claro que meu pau já estava novamente tinindo de tesão e invadiu de um só golpe aquele paraíso. Minhas estocadas tornavam-se cada vez mais difíceis, face ao peneirado da bunda de Joana, que dificultava manter a piroca entocada. Ela mexia como dançarina dos sete véus, num ritmo alucinante que nos proporcionou um gozo farto e delicioso.

Travamos mais uma batalha ainda, antes que fôssemos embora. Traçamos planos para realizações de novos anseios. Joana os tinha aos montes, possuía uma mente privilegiada em termos de limites, e como era bom realizá-los! Se alguma leitora deste relato tiver algum sonho secreto que gostaria de realizar, porque não tenta me enviá-lo por carta, e quem sabe posso realizá-lo ou indicar alguém que tenha condições de fazê-lo sempre com aquela garantia de sigilo, discrição e compreensão que dedico sempre aos meus correspondentes. **Freeway, Caixa Postal 9.025, Cep 22.272, Rio, RJ.**

O GARANHÃO FAIXA PRETA

Eu cheguei numa cidade turística. em Minas, e fui logo à procura de um hotel (sou faixa preta de Karatê e fui a esta cidade para participar de um torneio). Mas não estava fácil; a cidade estava em festa, cheia de turistas, e hotel nada. A noite estava chegando quando passei em frente de uma casa que tinha na placa os dizeres "vagas para moças".

"Quem sabe há vagas para rapazes também" (assim pensei).

Bati na porta, uma senhora me atendeu, sorriu e perguntou-me:

— Visita para as meninas?

— Não senhora, eu estou à procura de um lugar para me hospedar.

— Não leu na placa? Vagas só para moças.

— Mas só esta noite. Tenho que descansar porque amanhã terei de estar bem disposto, vou participar de um torneio.

— Ah, meu filho! Não posso fazer isso. Dou hospedagem só para moças mesmo. Geralmente elas vêm fazer curso nesta escola aí da frente, ficam um mês, depois vão embora, e outras logo chegam.

— Mas a senhora precisa quebrar este galho para mim, senão terei que dormir na rua.

— Bem, tenho aí um quarto com duas camas. Se quiser ficar esta noite, terá de pagar os dois leitos.

— Fico com eles — fui entrando na casa.

— Sempre consegue assim o que quer?

— Às vezes... não sempre!

— Bem, aqui está o seu quarto, e o pagamento é adiantado. Mas só por esta noite.

— A senhora merece uma beijão, titia!

— Comporte-se menino! Aqui é um lugar só de mulheres. — Ela disse sorrindo e fazendo dengo.

O chuveiro era ótimo, água abundante, a comida — que eu paguei à parte — era muito gostosa. Jantei cedo, entrei no meu quarto e peguei no sono. Acordei às nove horas, espreguicei-me e fui até a sala ver TV. Quando sentei no sofá, a última das moças se levantou, disse boa-noite e entrou no último quarto do corredor. Eu segui o rebolado, esticando um pouco o pescoço, para ver a bela morena de cabelos longos e andar macio.

A velha entrou na sala, com o pano de prato na mão, e disse:

— Dez horas, todos devem estar na cama, precisamos de muito silêncio aqui.

— Sim, senhora!, ainda são nove e meia, já vou desligar a TV.

— Sim, até dez horas tudo bem. Todas já entraram, vou fechar a porta e você depois apaga a luz também, eu vou para meu quarto e às seis horas da manhã o café estará pronto, está bem assim?

— Mais uma vez obrigado, titia.

Depois desliguei o aparelho, peguei uma revista, dei uma olhada, fechei e coloquei debaixo do braço.

Apaguei a luz e caminhei devagar pelo corredor. Parei na porta do quarto da morena e resolvi espiar pela fechadura. Abaixei-me e pisquei várias vezes para crer realmente no que via. A moça estava na cama encostada em vários travesseiros. Abriu um pouco as pernas, colocando seu dedo na pequena vulva que alisava, masturbando-se com muito prazer. "Que desperdício", pensava eu. Precisaria satisfazer-se assim, comigo ali todo desejoso de sexo? Para minha sorte, ao girar a maçaneta vi que a porta estava sem chave.

Ali era um lugar tranqüilo, ninguém jamais pensou em colocar chaves nas portas. Entrando, fiquei olhando para ela, que estava com os olhos fechados, absorvida no prazer de estar se masturbando. Apaguei a luz e corri para a cama dela tapando a sua boca para que não gritasse.

— Ora menina, estou de pau duro para matar a sua vontade.

— Saia daqui, senão grito e chamo a mulher!

— Fique calma e veja como é mais gostoso assim, espera, deixe eu tirar a

roupa.

— Saia imediatamente do meu quarto, você está invadindo a minha intimidade.

— E que intimidade mais gostosa você tem! Boazinha; e não vai mais precisar usar seu fino dedinho. Olha como meu pau é grande e duro. Você vai gostar, deixe eu pôr um pouquinho em você, só um pouquinho...

— Não faça isso — ela murmurou.

— Isso, abra bem as pernas e mais um pouquinho estará adorando.

— Vai doer...

— Não, não dói nada. Não está gostoso? Deixe eu pôr tudo, você vai sentir um tesão que nunca sentiu.

— Sim, mexe mais, está uma delícia... Mais, mais, assim...

— Você é muito gostosa, sabia? Posso acender a luz para ver seu corpo?

— Sim, mas vá depressa. Põe logo o seu pau em mim, você é muito delicioso.

Nisso a velha foi até a sala verificar a porta. Foi até ao meu quarto e encontrou a porta aberta e a cama vazia. Como a luz do quarto da morena estava acesa, ela também espiou pela fechadura e ficou abismada.

Eu estava sobre a morena, colocando a boca em seu corpo nu. Descia a boca até a vulva e chupava gostosamente. Depois tornei a penetrar mais e mais, até gozarmos e nos sentirmos saciados. A velha ficou toda arrepiada em ter assistido a cenas tão emocionantes, mas sentiu tanto desejo de ser também possuída por um pau duro, que foi até seu quarto, tirou de uma caixa um enorme pênis de borracha e começou a enfiar, sacudindo muito em sua vulva.

Pensava estar no lugar da morena e debaixo de mim. Mexeu tanto o pênis de borracha que até conseguiu gozar.

Na noite seguinte, ela me esperou chegar, me serviu um prato muito bem-feito e perguntou:

— Como foi o torneio, Aritana?

— Felizmente me saí muito bem. Não me aqueci direito, e ao dar um chute sofri uma distenção na perna direita, mas não é problema.

— Fique então aqui mais uma noite.

— Obrigado, titia, você é espetacular!

Dez horas eu fui deitar. A casa estava silenciosa, todos dormiam.

Regina, a dona da pensão, foi até o meu quarto, sentou na cama, acariciou meus cabelos e disse:

— Querido Aritana, quero que me possua, estou louca de prazer por você... e o vi fazendo amor com a Márcia.

— Eu possuir a senhora?

— Sim, eu não quebrei o galho, deixando você ficar, agora quero que faça o que pedi. Ela foi tirando a roupa enquanto falava, depois sentou-se na cama e pediu que eu a penetrasse.

Um pouco indeciso, tirei o pijama e parti para cima de velha. Nos primeiros vaivéns, ela já começou a gemer. Eu também não achei tão ruim, acabei gostando muito do jeito que ela mexia. Pedi então que subisse em cima de mim e mexesse a seu gosto. Antes disso ela abriu bem a boca e chupou minha piroca.

Depois subiu em cima de mim e mexeu, fazendo-me gozar bastante, ao mesmo tempo, também chegou ao final de seu desejo. Ela passou a noite ali comigo, sugando e chupando-me até o amanhecer.

Regina cantarolou o dia todo e, bem-humorada, sorria feliz. Quando eu voltei, Márcia (a morena) estava na sala a minha espera. Ela me abraçou e levou-me para o seu quarto.

— Estou morrendo de tesão por você, amor... Vou embora, quero ter você mais uma vez antes de partir.

— Eu também, querida... também quero, desejei você o dia todo ontem eu estava ocupado com a Regina.

Novamente eu e Márcia fizemos amor. Regina assistia a tudo do lado de fora.

Na tarde seguinte quando voltei, uma outra jovem vizinha de quarto encontrou-se cómigo no corredor e disse:

— Oi, Aritana, tudo bem? Venha aqui no meu quarto, vou lhe mostrar as fitas novas que comprei.

— Hum... são boas mesmos. Você tem gravador?

— Sim... mas... sabe, Aritana, a Márcia me falou de você... ela foi embora, terminou o curso. Mas antes me disse que você é um tesouro na cama.

— Disse isso, é?

— Sim, e que até a Regina, a dona da pensão, já dormiu com você. Isso me deixou desejosa... você pode passar a noite comigo?

— Naturalmente, estou aqui para matar o desejo das mulheres.

— Então, até mais. Vou esperar você aqui, Aritana. Ah! o meu nome é Elizabeth, não sei se sabe?

— Foi um prazer te conhecer, Elizabeth. Até mais.

Na cozinha Regina estava toda dengosa:

— Que tal uma noitada, Aritana?

— Eu... não sei o que fazer... A Bete acaba de fazer um convite.

— Então não há problema, pode dormir com ela, afinal ela também precisa de você. Bem, eu queria lhe dizer uma coisa: — Você me disse que está de férias, então, gostaria muito que você ficasse aqui por mais uma semana. O quarto é seu, você não precisa me pagar. Apenas quando as meninas não forem ao seu quarto, ou você nos delas, gostaria que fosse ao meu...

— Regina, sabe que gostei demais de fazer amor com você! vou reservar um dia só para nós.

— Ótimo, você é sensacional!

Depois de conversar fui descansar em meu quarto. Quando chegou a hora, fui bater na porta da Elizabeth; ela me atendeu com um abraço apertado e fomos para a cama.

Fizemos amor; eu consegui saciá-la depois de metermos bastante.

Ela queria sempre um pouco mais, e eu a atendi.

Depois de algum tempo, de inúmeras experiências e noites deliciosas com a Regina fui ficando famoso naquela casa, e garotas pareciam ali para se hospedar, sabendo que iam encontrar um potente macho. Vinham de todo lado, pagavam o dobro para Regina (que ia ficando cada vez com mais grana). Depois de se deleitarem comigo iam embora satisfeitas.

Eu nunca enjeitei nenhuma delas. Sempre com meu membro vibrante, usei minha imaginação para fazer amor. Eu que desejava ficar apenas dois dias naquele lugar, acabei ficando minhas férias toda. E, quanto ao torneio, minha equipe foi vencedora.

Com diz o ditado: o que é bom dura pouco. Eu me esqueci de pegar o endereço das garotas que conheci lá na pensão. Gostaria de um dia poder encontrá-las.

Aproveito a oportunidade para mandar o meu recadão.

As mulheres que me conhecem sempre me solicitam para um programa, tanto de amizade como sexual. Acredito que isso é produto do estilo carinho-

so que dedico a elas, quer no tratamento afetivo como no íntimo sexual.

Sou um rapaz moreno-cabloco, tipo índio, muito bem-dotado (uma piroca grande e grossa), tenho boa aparência, ótimo físico, 30 anos, 1,82m, 79kg, pratico esportes, sou discreto, sigiloso, compreensivo e amigo.

Aceito convites de mulheres para uma boa transa, e casais casados em que os maridos desejam ver suas esposas serem possuídas por um vigoroso garanhão.

Darei prioridade às cartas que vierem acompanhadas com foto e o nº do telefone, se tiver. **Aritana, Caixa Postal 4.600, Cep 20.001, Rio de Janeiro, RJ.**

O CARONISTA

Tenho uns parentes que moram em Curitiba e uma vez por mês costumava visitá-los, pois eu moro em Maringá. Como trabalho numa transportadora, sempre pego carona com algum caminhão, só que neste dia não tinha nenhum que fosse para Curitiba e então resolvi ir para a beira da estrada pegar alguma carona na saída da cidade.

Fiquei esperando mais de meia hora e nada. A tarde já se estava findando e, para meu azar, o tempo começava a ficar feio. Pensei em voltar e pegar um ônibus, mas, nesse momento, mais ou menos a vinte metros, parou uma Caravan, com um casal nissei.

O homem, que chamarei pelo nome de Mário, disse que estava indo para São Paulo e perguntou para onde eu ia. Respondi-lhe que pretendia ir para Curitiba. E Mário foi logo dizendo: "Então vamos, vai cair muita chuva e você vai se molhar, e não será nada bom ficar assim na estrada".

Apanhei minha pequena mala e coloquei-a no porta-malas. Ao entrar no carro, notei a mulher, bem trajada e com um perfume muito atraente. Ela deu um sorriso bastante sensual e disse: "Meu nome é Marta. Tudo bem?"

Meio inibido, respondi que meu nome era Ricardo e era um prazer conhecê-la.

Seguimos viagem, até certo ponto muito devagar, pois Mário não passava dos 80, mesmo a estrada estando vazia. A noite começou a cair e a chuva também, por isso passou a esfriar, foi quando Mário disse para eu pegar um litro de whisky, um copo e duas pedras de gelo que estavam numa caixa de isopor no banco traseiro. Assim que servi a bebida, passei primeiro para Marta que tomou um belo gole; depois para Mário, que terminou com a dose dupla. Ao chegar minha vez de beber precisei servir mais. Comecei a me animar e, passados alguns minutos, a alegria tomava conta da gente. Falamos sobre política e futebol. Quando esse assunto terminou, começamos a falar sobre sexo, e Mário, sem o menor constrangimento, perguntou o que eu achava do "ménage à trois". Eu respondi que achava uma tremenda curtição, pois já havia tido algumas experiências e gostei muito. Depois disso, ele se calou, só Marta me deu um sorriso, ficando depois em silêncio. Pensei que havia exagerado na resposta e, daquele momento em diante, não falamos mais nada; só se ouvia o barulho da chuva caindo sobre o carro, e o ronco do motor.

Olhei no relógio, passava das vinte horas, resolvi então tirar um pequeno sono. De repente, percebi que o carro diminuiu a velocidade de uma só vez, até pensei que havia acabado a gasolina e daí estávamos fudidos. Quando levantei a cabeça para ver o que estava acontecendo, levei aquele susto, nós estávamos entrando num motel. Fiquei radiante e excitado, pois com meus 23 anos nunca havia transado com uma nissei.

Logo que entramos no quarto, Mário foi tomar banho e eu, ao ver a cama redonda, várias luzes coloridas, não agüentei de tesão, agarrei Marta, deilhe um beijo na boca, e ela, com grande sensualidade, sacou meu pau - que nestas alturas já estava pulando para fora das calças - e deu uma chupadinha só na cabeça. Depois disse: "Calma Ricardo, a noite é uma criança e eu sou uma boneca". Liguei a televisão, passava um filme pornográfico muito excitante.

Mário havia saído do banho, estava nuzinho. Marta, só de tanguinha, foi para o chuveiro. Dei algum tempo para que ela saísse do banho e então fui tomar o meu. Assim que saí do chuveiro e entrei no quarto, para minha alegria a brincadeira já havia começado. Mário estava de pé na cama e Marta ajoelhada chupava seu pau; aí eu deitei por baixo dela, abri suas lindas pernas roliças e grossas e comecei a sugar aquela bucetinha pequena e cabeluda, num rit mo que ela não agüentava e gemia e gritava, gozando na minha boca. Mário, também não agüentando o tesão, acabou gozando na linda boquinha da mulher, que engoliu tudo sem deixar nada para fora.

Mário foi novamente para o banho. Marta e eu começamos um delicioso 69. Novamente ela começou a gemer e se contorcer; gozamos ao mesmo tempo.

Fomos os dois para o chuveiro, ela terminou o banho primeiro e voltou para o quarto. Quando cheguei, Marta estava sentada na vara de Mário, num ritmo alucinante, e eu, para não ficar de fora da brincadeira, fui até o carro pegar uma pomada que sempre carrego nas viagens. Lubrifiquei bem meu cacete, de 17x5cm, subi na cama e ajeitei bem a bunda dela; comecei a penetrar bem devagar naquele cuzinho apertadinho e escuro, lentamente para não descontrolar o Mário que comia sua buceta. Não agüentando, ela começou a pedir para a gente acelerar ao máximo porque ela queria gozar pela bunda e pela buceta. Obedecemos a ordem, começamos cada vez mais rápido, não fomos sequer a vinte segundos e gozamos os três juntos. Depois cada um deitou para um lado da cama e passamos a assistir ao filme pornô.

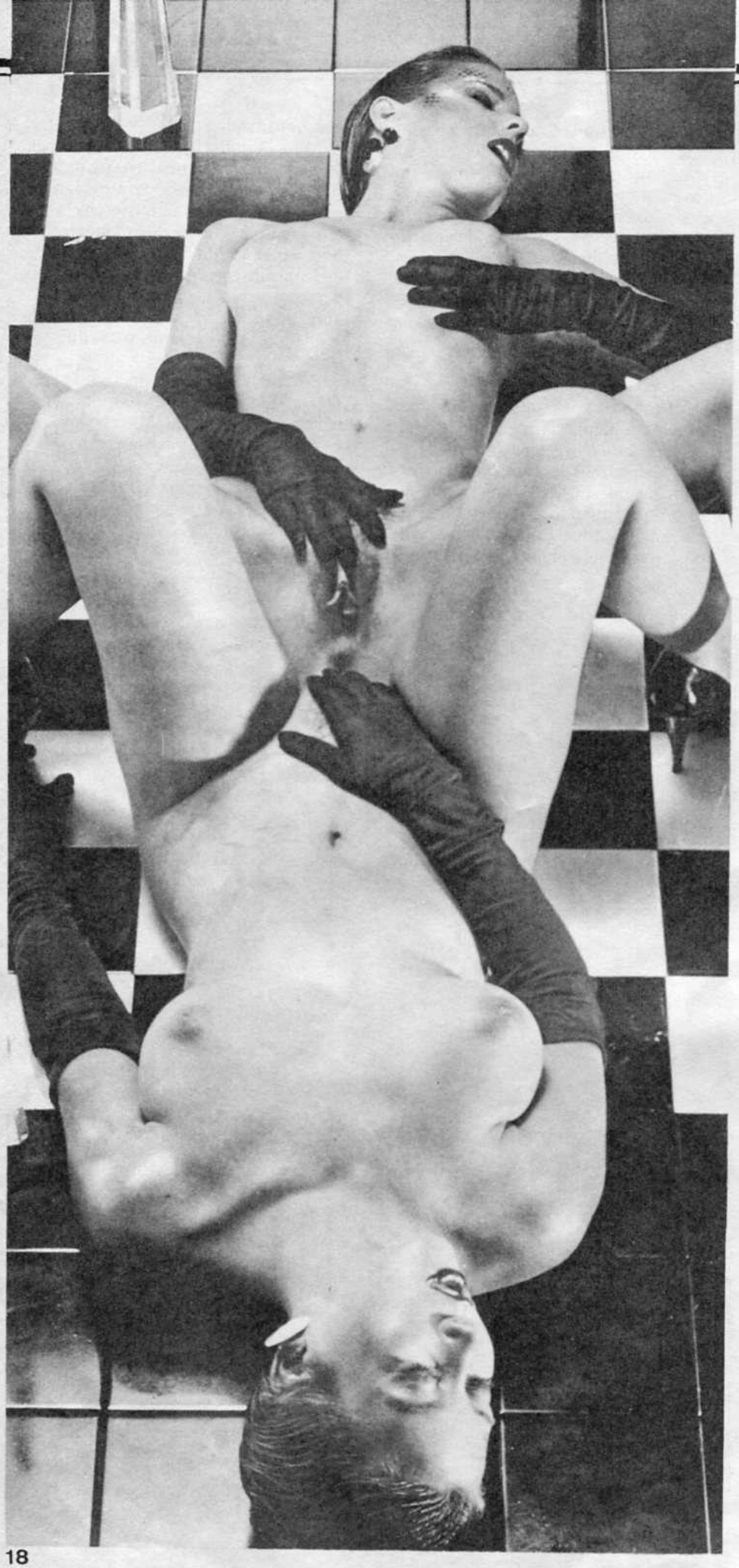
Passou uma meia hora e fomos todos para o chuveiro. Quando começamos a tomar banho Marta disse para Mário sentar no azulejo e de quatro começou a chupar seu cacete. Não resisti vendo a cena, penetrei meu cacete em sua buceta, gozei rápido, nesta alturas não tinha mais porra, saiu só aquele líquido fraco. Com a demora de Mário, ela começou a bater uma punheta nele até ele gozar mais uma vez em sua boca e por todo os seios, que por sinal mal cabiam na palma da mão.

Terminada a orgia, passava da meia-noite, e tínhamos de seguir viagem. Vestimos nossas roupas e fomos embora. Só sei que, quando acordei, já estávamos em Curitiba. Então nos despedimos prometendo algum dia nos encontrar novamente.

Minha família mudou para Maringá e agora não viajo mais para Curitiba. Então, só posso dizer para o Mário e para a Marta que, se estiverem lendo este relato, e só escreverem que irei até São Paulo com o maior prazer.

Também gostaria de me corresponder com casais da região, com até 45 anos de idade, adeptos do sexo total, sem homossexualismo, masoquismo ou drogas.

Sou moreno, cor de canela, boa aparência, 23 anos, 1,75m, 70 quilos, sem barba e bigode, corpo atlético, higiênico e carinhoso. Cartas com foto e telefone serão bem-vindas e devolvidas no encontro. Como não tenho Caixa Postal, utilizo a de um amigo. **Ricardo, Caixa Postal 1.889, Cep 87.100, Maringá. PR.**



PRIMEIRO NO ELEVADOR

Sou um rapaz branco, 22 anos, 1,78m, 64kg, boa pinta e bem-dotado. O que estou relatando é para levar ao conhecimento dos leitores desta esplêndida e prestigiada revista a minha aventura. Moro em Porto Alegre já faz um bom tempo; e tive muitas experiências sexuais, mas a que mais me fascinou vou contar agora.

Eu e minha namorada Mariane estávamos fazendo um curso pré-vestibular e seguidamente, ao término da aula, íamos a um motel perto do curso. Mariane era uma bela loira de olhos castanhos, 1,71m aproximadamente e peso proporcional. Era o tipo de mulher de deixar um homem queimando óleo.

Ao chegarmos ao motel, ela não poupava tempo, pegava logo no meu mastro e começava a chupá-lo. Primeiro lambendo o saco, depois pegando a glande e por fim enfiando todo na boca, como se fosse um picolé, até conseguir sugar o que mais queria, o creme de leite que ela não deixava escapar por nada. Certo dia, ao término da aula, fomos para a parada esperar uma lotação, quando parou um monza branco e deu uma buzinada, era uma vizinha da Mariane oferecendo-nos uma carona. Chamava-se Célia, era uma mulher de uns 36 anos, e um tesão.

Eu passeio para o banco de trás e Mariane ficou na frente com a Célia. A distância até a casa de Mariane era um pouco longa e fomos os três batendo papo.

No caminho pude perceber que Célia estava me encarando pelo retrovisor e, vez por outra, lançava um belo sorriso que me estava deixando com um tremendo tesão.

Ao chegarmos, descemos do carro e pude perceber o corpo escultural de Célia. Ela estava com um vestido preto decotado com uns peitos de dar água na boca, meias finas e sandálias de salto. Eu fiquei alucinado só de olhar aquela mulher.

A casa de Mariane ficava em frente ao apartamento da amiga.

Célia despediu-se e foi guardar o carro na garagem do edifício, enquanto isso levei Mariane até a porta da casa e disse-lhe que lhe telefonaria no dia seguinte.

Ao sair e atravessar a rua notei que Célia estava saindo do prédio. Perguntei-lhe o que estava fazendo na rua de novo, disse-me que com o bate-papo esquecera-se de comprar cigarros e iria até um bar, perto dali. Então, gentilmente prontifiquei-me em ir buscar os cigarros para ela, pois já era tarde e um mulherão daqueles andando na rua sozinha àquela hora era um perigo.

Ela concordou em me esperar na portaria do edifício.

Ao voltar com os cigarros, agradeceu e convidou-me para tomarmos um campari em seu apartamento. Não pensei duas vezes; e fomos. Ao chamar o elevador, ficou me encarando e dando uma rizadinha com certa malícia.

Chegando o elevador, entramos, ela apertou o botão do 8.º andar e fomos subindo; de repente faltou luz e o elevador parou. Eu, na tentativa de apertar o interruptor de emergência, toquei-lhe os seios e ela em seguida pegou no meu pau. De repente senti que ela ajoelhou-se e tirou o meu mastro para fora das calças começando a chupá-lo. Eu estava a mil sentindo aquela língua experiente sugando o meu mastro num ritmo de vaivém, quando a luz voltou e o elevador continuou a sua subida até chegarmos ao apartamento para tudo recomeçar tranqüilamente.

Célia serviu-me um campari e eu, em seguida, puxei-lhe o vestido para baixo, chupando-lhe aqueles maravilhosos seios. Não parando, terminei de tirar-lhe a roupa, ficando ela só com as meias finas, ligas e as sandálias de salto que pedi que não as tirasse, pois acho um tesão uma mulher somente com essas peças íntimas.

Ela ajoelhou-se novamente e começou a chupar o meu mastro até lhe dar um jato de esperma na boca e nos seios. Em seguida, sem parar de chupar, para que meu cacete não perdesse a rigidez, ficou de quatro para que eu possuísse aquela suculenta buceta que estava pegando fogo.

Passamos a noite juntos sem que Mariane descobrisse; e até um tempo atrás eu tinha uma bela namorada com uma panteríssima motorista.

As mulheres bonitas e gostosas que gostem de um exelente relacionamento sexual em toda sua plenitude escrevam para: **Nikolai, Caixa Postal 768, Cep 90.001, Porto Alegre, RS.**

DOROTHY

Ela nasceu em Londres e está com 20 anos. Entre as suas outras atividades estão as de atriz e dubladora de TV, já que a Miss Dorothy possui ainda uma bonita voz, além da magnífica anatomia, é claro!

Neide e Telma vão enlouquecer todos vocês na próxima edição... Aguardem!